

Laxmanrao Sardessai. "A Ambrósia". *O Herald*. 25/12/1967, p.7

E, um dia, ele saiu da casa, em longa jornada, em busca da ambrosia que nos últimos anos tinha sido o seu ideal e a sua obsessão.

Irritava-se quando os amigos lhe lançassem sorrisos maliciosos, ou dissessem que a ambrósia não passava duma convenção poética. Outros mofavam do pobre jovem que, em sua opinião, vivia no reino de utopias e em vez de procurar uma bela noiva e abraçar uma profissão rendosa, falava, dia a noite, de ambrósia. E argumentava apaixonado, em favor desse bem supremo que havia de livrar a humanidade do maior flagelo que a atormenta, desde tempos imemoriais: a Morte. Só a ambrósia poderá proporcionar-lhe a felicidade integral, habilitando-o a fruir todas as delícias da vida mundana, perenemente, sem nenhum estorvo, sem nenhuma sombra de medo, e em gozos contínuos. Seria a ambrósia uma convenção, um conceito ilusório? Não podia ser. Então são falsos os Vedas e os Puranas e os poemas épicos que cantam a glória desse licor divino, extraído do seio dos mares pelos próprios deuses?

O Ramayana fala do "Puspaka", aeroplano que hoje é uma realidade. A rádio, a televisão, a bomba atômica, e outras armas nucleares que mais não são senão a materialização dos ideais e ilusões ou utopias poetizadas nos livros sagrados de eras remotas?

Sim, só a ideia é real, porque dela nasce o mundo concreto, palpável. A ideia gera milagres, cria mistérios, de que o mundo está cheio e que representam o progresso humano. Não, a ambrósia tão falada nos Vedas, tão querida dos deuses porque lhe dava a imortalidade, não pode ser uma ilusão, uma utopia. Pensava assim... E discutia a certeza da sua existência.

Como é curta e efêmera a vida humana! A morte emprega tudo com facilidade, e destreza assombrosa. Ninguém pode detê-la. A beleza, a força, a opulência, nada disso, pode evitar a sua temerosa garra, garra fatal, que torna o belo corpo humano dentro de instantes, um farrapo que o fogo devora ou a terra decompõe. A terra está semeada de belezas. Há-as no mar, calmo ou proceloso, e no céu azul ou nublado. As nuvens do firmamento, as ondas do mar, a água dos lagos e as flores que neles desabrocham e balouçam, tecidos de mil cambiantes de cor, perfumes embriagantes, faces de virgens, o canto das aves, tudo isso é tão belo! Mas a vida humana é infinitamente curta e frágil para sentir, provar, abraçar todas essas delícias, com que a natureza dotou essa maravilha terra. Mas, lá está a morte hedionda, de fauces escancaradas, a vigiar, e espiar cada movimento consciente ou inconsciente, de entes humanos e se ela é astuta nos seus desígnios, é feroz na sua execução. Com a mesma calma, e insensibilidade arrebatada uma criança dos braços da sua mãe ou apaga o sopro da vida dum filósofo que procura decifrar os mistérios da vida, da morte, de Deus. E ela surpreende-nos, colhe-nos a qualquer momento. O automóvel na corrida vertiginosa atropela a criança que despreocupadamente e alegre, atravessa a estrada e lá está a morte toda poderosa, a extinguir num relance a chama da vida tenra.

Ele tinha presenciado, com infinita mágoa tantas mortes dos seus

amigos, vizinhos, parentes, alguns dos quais jovens, com grandes ambições, e sonhos da vida, colhidos instantaneamente pela garra da morte soberana. E para o cúmulo da desgraça, um dia quando encontrara a sua mãe e os seus dois irmãos varados por um raio do Céu. Desde aquele momento tinha encetado ma batalha feroz contra a morte que desapiedadamente acabava de roubar os seus entes mais queridos. Sim, ele queria matar a própria morte!

Saiu por isso, de casa em longa jornada, em busca de ambrósia que, estava certo, algum dia, apanharia em alguma parte e depois todos os homens gozariam as delícias eternas da vida!

E só o homem, porque havia de morrer? Perguntava a si próprio. Passam milénios e o céu, a terra, e o mar, estão eternamente a mover-se. Os rios, os montes, os astros, tudo, tudo animado do movimento e vida desconhece o horror da morte e o homem que é a criação sublime de Deus, feito à sua semelhança, o inventor de descobertas, só ele, porque há de ser a vítima dos caprichos da morte que nenhuma lei regula? O homem quis controlá-la e descobriu a ambrósia, licor divino que expulsa da face da terra esse espectro tétrico. Sucracharia era possuidor do mantra “Sanjinani” que fazia ressuscitar os demónios mortos nas batalhas pelos deuses. E os deuses possuíam a ambrósia.

E agora ele marchava a pé, descalço, arrostando os rigores do Sol, fixando-se um ou dois dias, em cada aldeia, interrogando os seus habitantes sobre o paradeiro da ambrósia. Uns condoídos procuravam dissuadi-lo dessa tarefa inglória e fatal. Outros troçavam, vendo nele um louco que, um belo dia, havia de sucumbir ao excesso de fadigas ou à inanição ou arremessado como um farrapo pela ventania dos desertos.

Uma noite, um brâmane, bom e compassivo, hospedou-o em sua casa e ofereceu-lhe um copo de leite puro, e em palavras meigas falou assim: “Jovem amigo! O leite que bebes é a ambrósia deste mundo. Porque vais arriscar a tua vida por uma coisa imaginária?”

E o jovem magoado saiu da casa sem tocar naquela bebida fresca, rindo-se da ignorância do brâmane. E prosseguiu na sua jornada.

Nada o detinha, nada o dasanimava. Percorreria longas distancias, atravessaria montes e desertos e chegaria um dia aos pés dos Himalaias onde qualquer “yogui” ou eremita havia de apontar-lhe o segredo da ambrósia, com que havia de redimir a humanidade do flagelo da morte.

Decorriam meses e a sua longa jornada continuava, através de mil perigos, e não havia notícia certa da ambrósia.

Penetrou locais de mais difícil acesso. Visitou eremitérios onde os Faquires e Yoguis faziam penitência. Entrou nos antros de feras, devassou vetustos monumentos, conversou com pessoas que abstraíndo-se de toda a materialidade mundana, viviam quais sombras o mundo espiritual do Nirvana ou Brama. Elas confortavam-no contando histórias acerca da ambrósia que nunca tinham visto, mas que devia existir em qualquer lugar secreto,

guardada pelas mãos dos deuses.

Perdia o medo da morte que dantes temia. Dominava o seu coração e os seus instintos. Tinha-se identificado tanto, com o seu ideal a ambrósia que não se importava com os sofrimentos. O seu corpo estava negro, sim, mas rijo como as pedras. Antevia a humanidade, rejuvenescida, imortal com a sua ambrósia idealizada.

Assim errou durante três meses. Um dia, chegou às faldas (check in Vimala) duma montanha onde viu num covil, um eremita absorto em meditação. Curvou-se reverente perante o velho singular. O homem abriu os olhos, viu o jovem a quem abençoou murmurando:

- “Serás imortal, meu filho.”
- “Como posso ser imortal sem a ambrósia que procuro?”
- “A tua infinita fé fará que encontres a ambrósia.”
- “Será isto possível?”
- “Porque não? Se o homem com a sua fé pode alcançar o próprio Deus, porque não alcançará a ambrósia, que é a sua criação?” E meditando por alguns minutos, o eremita assim prosseguiu: “Marchas em direcção do norte. Após um dia de caminhada encontrarás um deserto. Atravessa-o. No extremo, encontrarás, esculpido numa maciça pedra um pequeno templo. Este será o termo da tua viagem e terás a ambrósia que desejas.”

O jovem reanimando por essas palavras do santo eremita, marchou na direcção do norte, ansioso por chegar, quanto antes, ao templo indicado e alcançar a ambrósia.

Depois duma jornada de dez léguas entrava no deserto. A sua decisão e a sua esperança davam-lhe agora novas forças que impeliam para diante o seu corpo cansado. O sol queimava-o. Não havia sombra onde se acolhesse. As nuvens de areia turvavam a atmosfera asfixiante. Em redor nenhuma criatura humana nem aves. Só miragens de água e muito longe um arvoredado nas faldas do monte a desenhar-se no horizonte turvo.

E o jovem marchava agora, lento, com um passo pesado e trémulo. Estava sequioso. Uma labareda a arder nas entranhas. O vento, qual ferro em brasa lambia o seu corpo esquelético, prestes a ceder, perante a rajada do vento e a procela da areia escaldante.

Mas ia-se aproximando do arvoredado onde havia de descobrir o tesouro de infinita felicidade: a ambrosia.

Água! Água! Chamava todo o seu ser. Tremia, balouçava como embriagado mas endireitava-se logo, sacudindo com esforço o torpor que perpassava pelos membros. Parecia-lhe agora que ia cair e dormir para sempre o sono da eternidade.

Mas a lembrança da ambrósia era tão forte que, sobressaltado,

arremessava para diante com impulso poderoso, o seu corpo tão ligeiro outrora, mas tão pesado agora.

- “Mas Deus! Vou morrer!” gritou numa voz fraca. “Quem me dará um pouco de água?”

A cinquenta passos pôde lobrigar o arvoredor.

Perdia a noção das coisas. Tudo se confundia no nevoeiro denso. Ia perder a consciência, os sentidos... Já não podia arrastar-se. Ofegante, de olhos semi-abertos, a língua de fora, o corpo suarento. E neste estado tombou precisamente, quando com um extremo esforço, queria alcançar o arvoredor.

Decorreram alguns momentos. O jovem sentiu então um delicioso licor perpassar pela garganta e descer até as entranhas, inundando o seu ser, de súbita frescura e vida.

Abriu os olhos extasiado. Neste momento de extrema felicidade balbuciou: “Ambrósia!”

É que um eremita condeído da sorte do jovem idealista esta a administrar-lhe a água da fonte!